

O Livro dos Médiuns (Trad. Herculano Pires) - **2ª Parte: Das Manifestações espíritas - Cap. XIII. Psicografia**

152. A Ciência Espírita progrediu como todas as outras (...). Porque apenas alguns anos nos separam dos meios primitivos (...) que chamávamos (...) de mesas falantes e já podemos comunicarnos com os Espíritos tão fácil (...) como os homens entre si. E isso pelos mesmos meios: a escrita e a palavra. A escrita tem



(...) a vantagem de demonstrar de maneira mais material a intervenção (...), deixando traços que podemos conservar, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de lápis. (...)

157. À escrita assim obtida chamamos psicografia indireta, em contraste com a psicografia direta ou manual feita pelo próprio médium. Para compreender este sistema é necessário saber como se verifica a operação. O Espírito comunicante age sobre o médium; este, assim influenciado, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, não tendo (pelo menos no comum dos casos) (...) consciência do que escreve; a mão age sobre a cesta, e esta movimenta o lápis. Assim, não é a cesta que se torna inteligente, mas apenas serve de instrumento (...). Suprimindo o intermediário e pondo o lápis na mão, temos o mesmo resultado com um mecanismo (...) mais simples, (...) o médium passa a escrever como se (...) em condições normais. Dessa maneira, toda pessoa que escreve com a cesta, a prancheta ou outro instrumento pode também escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a escrita à mão, que alguns chamam de escrita involuntária, é sem dúvida a mais simples, mais fácil e mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e se presta, como a escrita comum, às dissertações mais extensas. (...)

158. No começo dessas manifestações, quando ainda não se tinham ideias precisas a respeito, muitas publicações foram feitas com indicações assim: comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa, etc. Compreende-se hoje a insuficiência dessas expressões, (...) sem considerar ainda o seu caráter pouco sério. Com efeito, como já vimos, as mesas, as pranchetas e as cestas não são instrumentos inteligentes, embora momentaneamente animados (...). Nada podem comunicar por si mesmas. Entender o contrário seria (...) o mesmo que um autor (...) anotar, sobre o título de sua obra, que a escrevera com pena metálica ou (...) de pato. Esses instrumentos, aliás, não são únicos nem exclusivos. Conhecemos alguém que ao invés da cesta-pião usa um funil com um lápis no gargalo. Poderia, pois, haver comunicações de um funil, de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas se dão por meio de pancadas, não de mesa, mas de uma cadeira ou de uma bengala,

teríamos cadeira e bengala falantes. Como (...) o que importa conhecer não é o instrumento, mas a maneira de obtenção das comunicações. Se as obtemos pela escrita, (...) trata-se de psicografia; se pelas pancadas, de tiptologia. O Espiritismo, tomando as proporções de uma Ciência, necessita de uma linguagem científica.

Nota do tradutor Herculano Pires: Esta observação final de Kardec é de grande importância metodológica. A terminologia espírita deve ser empregada com precisão, evitando-se a mistura de termos referentes a escolas espiritualistas diversas. É uma exigência de clareza e eficiência de todas as disciplinas científicas e da qual a Ciência Espírita não prescinde.

O Livro dos Espíritos (Trad. Herculano Pires) **Introdução ao estudo da Doutrina Espírita**

IV. Manifestações inteligentes: Se os fenômenos de que nos ocupamos se restringissem ao movimento dos objetos, teriam permanecido no domínio das ciências físicas; mas não aconteceu assim: estavam destinados a nos colocarem na pista dos fatos de uma ordem estranha. Acreditou-se haver descoberto (...) que o impulso dado aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. (...)

As primeiras manifestações inteligentes verificaram-se por meio de mesas que se moviam e davam determinados golpes, batendo um pé, e assim respondiam, segundo o que se havia convencionado, por “sim” ou por “não” à questão proposta. (...) Esse meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito, e esta é (...) uma circunstância digna de nota, indicou outro. Foi um desses seres invisíveis que aconselhou a adaptar-se um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. (...)

V. Desenvolvimento da psicografia: Mais tarde reconheceu-se que a cesta e a prancheta nada mais eram do que apêndices da mão, e o médium, tomando diretamente o lápis, pôs-se a escrever por um impulso involuntário (...). Por esse meio as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas: é esse, hoje, o meio mais comum (...). A experiência, por fim, tornou conhecidas muitas outras variedades da faculdade mediúmica, descobrindo-se que as comunicações podiam igualmente verificar-se através da escrita direta dos Espíritos, ou seja, sem o concurso da mão do médium nem do lápis.

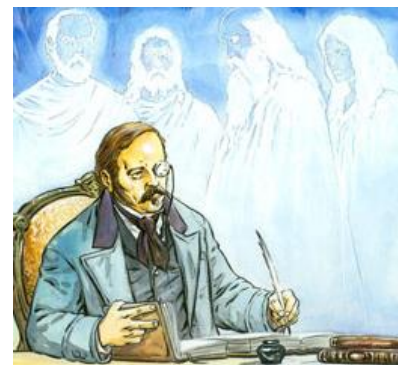
Livro dos Médiuns (Trad. Herculano Pires) - **2ª Parte: Das Manifestações espíritas** **Capítulo XV. Médiuns escreventes ou psicógrafos**

178. De todas as formas de comunicação, a escrita manual é a mais (...) completa (...), porque ela permite estabelecer relações tão permanentes e regulares com os Espíritos, como as que mantemos entre nós. Tanto mais devemos usá-la, quanto é por ela que os Espíritos revelam melhor a sua natureza (...). Pela facilidade com que podem exprimir-se, dão-nos a conhecer os seus pensamentos íntimos (...) em seu justo valor. Além disso, para o médium essa faculdade é a mais suscetível de se desenvolver pelo exercício.

Instruções práticas sobre as manifestações espíritas

Vocabulário Espírita - Psicografia

Psicografia: do gr. psuké, borboleta, alma e grapho, eu escrevo. Transmissão do pensamento dos Espíritos por meio da escrita pela mão de um médium. No médium escrevente a mão é o instrumento, mas a sua alma ou Espírito nele encarnado é o intermediário ou intérprete do Espírito (...) que se comunica. Na pneumatografia é o próprio Espírito estranho quem escreve sem intermediário. (...)



Psicografia imediata ou direta, é quando o próprio médium escreve, tomando do lápis como para escrever normalmente.

Psicografia mediata ou indireta, é quando o lápis é adaptado a um objeto qualquer, que serve, (...) como um apêndice da mão, tal como uma cesta, uma prancheta, etc.

O que é o Espiritismo? - Capítulo II. Noções elementares de Espiritismo - Dos médiuns

57. Para obter a escrita serviram-se, no princípio, de materiais intermediários, como cestinhas, pranchetas, etc., munidas de um lápis. (O Livro dos Médiuns, cap. XIII. Nº 152 e seguintes.) Mais tarde, reconheceu-se a inutilidade desses acessórios e a possibilidade, para os médiuns, de escrever diretamente com a mão, como nas circunstâncias ordinárias.

Revista Espírita - Janeiro de 1858 - Diferentes modos de comunicação

As comunicações inteligentes entre os Espíritos e os homens podem dar-se por sinais, pela escrita e pela palavra. (...) O segundo modo de comunicação é a escrita. Designá-lo-emos pelo nome de psicografia, igualmente empregado por um correspondente.

Para se comunicarem pela escrita, os Espíritos empregam como intermediários certas pessoas dotadas da faculdade de escrever sob a influência da força oculta que as dirige e que obedecem a um poder (...) estranho ao seu controle, pois não podem parar nem prosseguir à vontade e, na maioria dos casos, não têm consciência do que escrevem. A mão é agitada por um movimento involuntário (...); tomam o lápis, malgrado seu, e assim o largam. Nem a vontade, nem o desejo podem fazê-los prosseguir, caso não devam. Eis a psicografia direta.

A escrita também é obtida pela só imposição das mãos sobre um objeto (...) e munido de um lápis (...). Os objetos mais geralmente empregados são as pranchetas ou as cestas (...). A força oculta que age sobre a pessoa transmite-se ao objeto, o qual se torna, destarte, uma espécie de apêndice da mão e lhe imprime um movimento necessário para traçar os caracteres. Eis a psicografia indireta.

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas, conforme o grau da faculdade mediadora. Uns apenas obtêm palavras; noutros a faculdade se desenvolve pelo exercício e escrevem frases completas e, por vezes,

dissertações (...) sobre assuntos (...) abordados espontaneamente pelos Espíritos, sem que se lhes tenha feito qualquer pergunta.

Às vezes a escrita é clara e legível; outras vezes só é decifrável por quem a escreveu, e este então a lê por uma espécie de intuição ou dupla vista.

Pela mão da mesma pessoa, a escrita às vezes muda, em geral de maneira completa, com a inteligência oculta que se manifesta, e o mesmo tipo de letra se reproduz sempre que se manifesta o mesmo Espírito. Isto, entretanto, nada tem de absoluto.

Os Espíritos transmitem por vezes certas comunicações escritas sem intervenção direta. Neste caso os caracteres são traçados espontaneamente por um poder extra-humano, visível ou não. Como é útil que cada coisa tenha o seu nome, a fim de nos podermos entender, chamaremos esse modo de comunicação escrita de *espiritografia*, para distingui-la da *psicografia*, ou escrita obtida por um médium.

A diferença (...) é fácil de apreender. Na *psicografia*, a alma do médium representa, necessariamente, um certo papel, pelo menos como intermediária, ao passo que na *espiritografia* é o Espírito que age diretamente, por si mesmo. (...)

A escrita e a palavra são (...) meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espíritos, seja pela precisão das respostas, seja pela extensão do desenvolvimento que comportam. Tem a escrita a vantagem de deixar traços materiais e de ser um dos meios mais adequados de combate à dúvida. Aliás, não temos a liberdade de escolha: os Espíritos comunicam-se pelos meios que julgam adequados, e isto depende das aptidões.

Observando os bebedores, cujas taças eram partilhadas pelos sócios que lhes eram invisíveis, Hilário recordou:

- Ontem, visitamos um templo, em que desencarnados sofredores se exprimiam por intermédio de criaturas necessitadas de auxílio, e ali estudamos algo sobre mediunidade... Aqui, vemos entidades viciosas valendo-se de pessoas que com elas se afinam numa perfeita comunhão de forças inferiores... Aqui, tanto quanto lá, seria lícito ver a mediunidade em ação?

- Sem qualquer dúvida, - confirmou o orientador; - recursos psíquicos, (...) são peculiares a todos, tanto quanto (...) a faculdade de respirar, constituindo forças que o Espírito encarnado ou desencarnado pode empregar no bem ou no mal de si mesmo. Ser médium não quer dizer que a alma esteja agraciada por privilégios (...). Muitas vezes, é possível encontrar pessoas (...) com o dom da mediunidade, mas dominadas, (...) por entidades (...) delinquentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo (...) à perturbação, em vez de cooperarem na extensão do bem. Por isso é que não basta a mediunidade (...). Precisamos (...) do Espiritismo, do Cristianismo Puro, a fim de controlar a energia medianímica (...) em favor da sublimação espiritual (...), tanto quanto disciplinamos a eletricidade, a benefício do conforto na Civilização.

Nisso, Áulus relanceou o olhar pelos aposentos reservados mais próximos, qual se já os conhecesse, e, fixando certa porta, convidou-nos a atravessá-la.

Seguimo-lo, ombro a ombro. Em mesa (...) com fino conhaque, um rapaz, fumando com volúpia e sob o domínio de uma entidade digna de compaixão pelo aspecto repelente em que se mostrava, escrevia, escrevia, escrevia...

- Estudemos, - recomendou o orientador. O cérebro do moço embebia-se em substância escura e pastosa que escorria das mãos do triste companheiro que o enlaçava. Via-se-lhes a absoluta associação na autoria dos caracteres escritos. A dupla em trabalho não nos registou a presença.

- Neste instante, - anunciou Áulus, (...) -nosso irmão (...) é hábil médium psicógrafo. Tem as células do pensamento integralmente controladas pelo (...) cultivador de crueldade (...). Imanta-se-lhe à imaginação e lhe assimila as ideias, atendendo-lhe aos propósitos escusos, através dos princípios da indução magnética, de vez que o rapaz, desejando produzir páginas escabrosas, encontrou quem lhe fortaleça a mente e o ajude (...). Encontramos sempre o que procuramos ser.

Finda a breve pausa (...), Hilário recomeçou: - Todavia, será ele um médium na acepção real do termo? Será peça ativa em agrupamento espírita comum?

- Não. Não está sob qualquer disciplina espiritualizante. É um moço de inteligência vivaz (...), manejado por entidades perturbadoras.

Após inclinar-se alguns momentos sobre os dois, o instrutor elucidou (...): - Entre as excitações do álcool e do fumo que saboreiam (...), pretendem provocar uma reportagem perniciosa, envolvendo uma família em duras aflições. Houve um homicídio, a cuja margem aparece (...) certa jovem,



aliada às múltiplas causas em que se formou o (...) acontecimento. O rapaz que observamos, amigo de (...) lidador da imprensa, é de si mesmo dado à malícia e, com a antena mental ligada para os ângulos mais desagradáveis do problema, ao atender um pedido de colaboração do cronista que lhe é companheiro, encontrou (...) o concurso de ferrenho (...) perseguidor da menina em foco, interessado em exagerar-lhe a participação na ocorrência, com o fim de martelar-lhe a mente apreensiva e arrojá-la aos abusos da mocidade...

- Mas como? - Indagou Hilário, espantado.

- O jornalista, de posse do comentário calunioso, será o veículo de informações tendenciosas ao público. A moça ver-se-á (...) exposta às mais desapiedadas apreciações, e decerto se perturbará (...) de vez que não se acumpliciou com o mal, na forma em que se lhe define a colaboração no crime. O obsessivo, usando calculadamente o rapaz com quem se afina, pretende alcançar o noticiário de sensação, para deprimir a vida moral dela e, com isso, amolecer-lhe o caráter, trazendo-a (...) ao charco vicioso em que ele jaz.

- E conseguirá? - Insistiu meu colega, assombrado.

- Quem sabe? (...) Naturalmente a jovem teria escolhido o gênero de provações que atravessa, dispondo-se a lutar, com valor, contra as tentações.

- E se não puder combater com a força precisa?

- Será mais justo dizer “se não quiser”, porque *a Lei não nos confia problemas de trabalho superiores à nossa capacidade de solução*. Assim, pois, caso não delibere guerrear a influência destrutiva, demorar-se-á por muito tempo nas perturbações a que já se encontra ligada em princípio.

- Tudo isso por quê?

(...) Áulus asserenou-nos o ânimo, elucidando: - Indiscutivelmente, a jovem e o infeliz que a persegue estão unidos um ao outro, desde muito tempo... Terão estado juntos nas regiões inferiores (...), antes da reencarnação com que a menina presentemente vem sendo beneficiada. Reencontrando-a na experiência física, de cujas vantagens ainda não partilha, o desventurado companheiro tenta incliná-la, de novo, à desordem emotiva, com o objetivo de explorá-la em atuação vampirizante. (...) Entretanto, falar nisso seria abrir as páginas comoventes de enorme romance, desviando-nos do fim que nos propomos atingir. Detenhamo-nos na mediunidade.

Buscando aliviar a atmosfera de indagações que Hilário sempre condensava em torno de si mesmo, ponderei:

- O quadro sob nossa análise induz à meditação nos fenômenos gerais de intercâmbio em que a Humanidade total se envolve sem perceber...

- Ah! sim! - Concordou o orientador, - faculdades medianímicas e cooperação do mundo espiritual surgem por toda parte. Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação. E *toda associação é interdependência e influência recíproca*. Daí concluímos quanto à *necessidade de vida nobre, a fim de atrairmos pensamentos que nos enobreçam*. (...) (Nos domínios da mediunidade - André Luiz - Capítulo 15. Forças viciadas)

Assevera você que o médium, a serviço do livro no Espiritismo, deve ser analfabeto, para que o fenômeno da comunicação se mantenha insofismável. Isso, porém, (...) não toa com os imperativos da lógica. Exigir um atestado de ignorância aos medianeiros incumbidos de veicular a palavra dos instrutores desencarnados, é o mesmo que reclamar obra-prima de imprensa a quem não possua o mais leve conhecimento do caixotim tipográfico.

(...) Sublimes tarefas da Natureza são executadas sem necessidade de informação cultural. A semente de que se faz o pão e a maternidade em que o lar se baseia prescindem (dispensam) de instrução da inteligência, contudo, os serviços que lhes são consequentes, reclamam técnica e condução. Sem a agronomia que aperfeiçoa, a gleba estaria enquistada na insipiência (...).

Não podemos prescrever princípios eternos como sejam afinidade e sequência nos processos da vida. Quem aprende a manejar o buril, por vontade própria, (...) naturalmente acabará escultor, tanto quanto quem se afeiçoa ao ladrão, admirando-lhe as aventuras, decerto, com mais segurança, se fará competente no arte do furto. *Problema de inclinação e de companhia*.

Se determinado médium dedica bastante amor aos misteres psicográficos, oferecendo-lhe tempo e carinho, indubitavelmente merecerá a atenção dos

amigos desencarnados que se valem do lápis no auxílio aos semelhantes, qual o aluno aplicado à frente de professores conscientes e justos.

E, estabelecida a comunhão, o serviço progredirá na medida em que se desdobre a consagração do intermediário ao propósito de aprender e servir. Isso é mais que natural. O trato de terra que suporte a presença do adubo e que se faça dócil à passagem do agente úmido é sempre aquele que mais produz, conquistando as mãos e os olhos do lavrador.



Médium que se mostre constante na disciplina a que se revele submisso aos ditames construtivos da Espiritualidade obterá, inegavelmente, o amparo dos companheiros desencarnados que buscam na caridade e na cultura o caminho da própria renovação.

Há médicos notáveis, desenleados do carro físico, aproveitando operários humildes da fraternidade humana para o socorro aos doentes e cientistas ilustres que, ausentes do corpo carnal, não desdenham o concurso de apagados servidores da fé para a difusão do conhecimento (...), no intuito de sublimarem, eles mesmos, o próprio coração. E quanto mais se devotam os medianeiros à bondade e à instrução, mais se lhes eleva o grau evolutivo (...).

Indiscutivelmente, na falta de pessoas alfabetizadas, os Benfeitores da Vida Superior não menosprezam os amigos privados da escola e, através deles, transmitem recados e ensinamentos que exprimem esperança e consolo.

Aliás, em circunstâncias propícias, utilizam-se até de animais para as tarefas (...). Na Bíblia, temos o caso da jumenta de Balaão, (†) cujas forças foram manipuladas por um Mensageiro (...), a fim de que o fenômeno da voz direta alertasse o filho de Beor, no desempenho da missão que lhe fora cometida e, na atualidade há algum tempo, era possível observar (...) Canário, o burro sábio, cuja pata graciosa, manobrada por jovem estudante desencarnada, conseguia fornecer respostas interessantes a perguntas diversas.

Ainda assim, os mueres a que nos referimos não conseguiram obra mediúnica de maior vulto. Faltava-lhes, pelo menos, um curso primário de letras humanas para o avanço preciso. Enfim, meu amigo, estude a questão em seu próprio gabinete. Lembre-se de que a carta primorosa foi naturalmente ditada por sua boca à datilógrafa que lhe grafou os conceitos.

Se ela não fosse quem é - colaboradora exímia do seu trabalho de homem consagrado ao pensamento - você (...) não conseguiria expandir-se (...). Você precisa dela, tão instruída e atenciosa, para instrumento de suas realizações, como nós outros, os (...) desencarnados, não prescindimos de bons medianeiros para o serviço (...). Como vê, nossos irmãos ainda analfabetos poderão, muitas vezes, efetuar glorioso ministério de amor e humildade, do qual nos achamos todos distantes em nossa deficitária posição na virtude, mas, em matéria de psicografia, por enquanto, não podemos dispensar os médiuns que saibam ler e escrever. [Histórias e anotações - Irmão X (Humberto de Campos) - Capítulo 5. Psicografia]